

Dossiê: Antropologia e Fotografia: experimentações e etnografias



Saberes de quintais: práticas espirituais, cura e os usos das plantas no território sul- mineiro

Backyard knowledge: spiritual practices, healing and
the uses of plants in the south of Minas Gerais

Saber del jardín: prácticas espirituales, curación y
usos de las plantas en el sur de Minas Gerais

Gabriela Acerbi Pereira

Universidade Federal de São Carlos

e-mail: gabiacerbi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9289-247>

Flávia Nogueira Pereira

Universidade Federal de Alfenas

e-mail: flavianpcb@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8539-9982>

Apresentação

O ensaio apresentado é uma seleção realizada de fotografias do Projeto Curas (www.projetocuras.com.br), uma iniciativa de cocriação de uma plataforma digital de pesquisa, documentação e construção de acervos afetivos e familiares. Os processos de criação e composição do ensaio e da plataforma foram realizados no Sul de Minas Gerais desde 2019, incluindo moradoras e moradores de cidades como Poços de Caldas, Machado, Caxambu, Campanha, Alfenas, Cabo Verde, Caldas e entornos. O ensaio promove uma exposição dos processos criativos cocriados, que se estruturam a partir de relações espirituais de saúde, memória e territorialidade, tendo em vista as plantas cultivadas nos quintais locais e seus usos nas práticas de cura.

O ensaio apresentado é uma seleção realizada de fotografias que são fruto de uma iniciativa na qual fazemos parte enquanto cocriadoras, uma plataforma de registros que envolve processos de pesquisas, documentação e construção de acervos afetivos e familiares nomeada “Projeto Curas”, na qual também estão vinculadas nossas pesquisas de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) e de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) a partir de nossos trabalhos de campo.

Os processos de criação e composição do ensaio foram realizados por nós que organizamos esta apresentação junto de José Soares, avô de uma das autoras, também da liderança espiritual Mãe Ana de Iansã, Mãe de Santo de uma das autoras, além de Lucília Breves, Lucia Breves, Fernanda Gonçalves e Dona Conceição Teodora, que aos noventa e sete anos ainda atua como benzedeira e liderança espiritual da mesa branca no Sul de Minas Gerais. As imagens foram construídas em nossas casas e quintais alternadamente. Elas foram concebidas processualmente no Sul de Minas Gerais desde 2020, como parte de um projeto mais amplo que incluiu outras moradoras e moradores de cidades como Poços de Caldas, Machado, Caxambu, Cruzília, Campanha e Caldas — que englobam nossos locais de nascimento e moradia.

O ensaio tem como propósito trazer a frente práticas de cura associadas aos cultivos nos quintais lembrados por José Soares, Mãe Ana, Dona Conceição, Lucília, Lucia e Fernanda, desde suas infâncias até o tempo presente. No caso das memórias de Seu Zé, elas articulam o uso das plantas e perspectivas espirituais vinculadas e herdadas, desde quando ele as aprendeu na juventude. No caso de Mãe Ana e de Dona Conceição, junto de suas filhas, elas abordam os usos familiares e as práticas realizadas por cada uma em

seus espaços de cura e atendimento espiritual, assim como os saberes herdados de suas mães, avós e bisavós.

O trabalho também remete diretamente, através das ervas e objetos escolhidos, à presença dos Pretos Velhos que atuam na gestão cotidiana da saúde da população local (e que acompanham Seu José, por exemplo, assim como as outras cocriadoras da plataforma), além de associar tais entidades aos milagres e curas de São Benedito. Buscamos, através das imagens, promover diálogos com as discussões de Marina de Mello e Souza (2002) e Edimilson de Almeida Pereira (2017) sobre as diásporas negras no Brasil e as reelaborações comunitárias estabelecidas pela população na busca de suas conexões ancestrais, práticas espirituais e na perpetuação de suas tradições e seus modos de fazer. Fazeres que atravessaram a formação do Estado brasileiro e estão presentes em nosso território desde o período colonial.

É importante destacar que as práticas abordadas por nossa plataforma e por este ensaio estão inseridas nos contextos vinculados aos núcleos familiares que atravessam nosso cotidiano. E que se associam aos atendimentos de cura e proteção no âmbito doméstico, feitos em casa pelas mais velhas, aos terreiros da nossa cidade, às procissões devocionais que compõem o Sul de Minas de forma ampliada e também aos festejos populares para santos como São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário.

Com base nas experiências espirituais e nas práticas de cultivo que nos foram narradas ao longo dos processos de pesquisa e produção (e de vida no Sul de Minas), também vivenciadas por nós, construímos um acervo que entrelaça percepções e situações associadas à fé, devoção, uso das plantas e aos regimes de conhecimento antepassados. Uma junção de elementos (como as ervas, também o café ou a terra em mãos) circunscreve nas imagens produzidas as trajetórias geracionais que compõem nosso território e as lembranças dos mais antigos a partir das transformações, continuidades e rupturas que suas famílias vivenciaram.

Nessa direção, nosso ensaio fotográfico e o Projeto Curas foram pensados sob uma perspectiva de reconstituição e circulação das memórias e saberes ao exporem imagens criadas a partir de elementos de usos cotidianos, histórias sobre o passado e proteções utilizadas para evitar males e adoecimentos. Essas descrições foram contadas a nós pelos mais velhos e, em grande medida, são narrativas que não estão representadas nos acervos e museus da região em que habitamos e não fazem parte de imaginários institucionais coletivos sobre as cidades e sobre o que representa o Sul de Minas Gerais.

As fotografias selecionadas para este ensaio associam-se às relações dos habitantes sul-mineiros com as plantas, que carregam em seus fazeres feitos curativos através de espécies botânicas populares como abre-caminhos, levante, alecrim, manjerição, arruda e o café. Buscamos referenciar os usos específicos de propriedades que promovem bem-estar e proteção, seja através de banhos, chás ou nos benzimentos com copos de água e folhas. Arelados aos usos, também temos a ação dos santos, das entidades, dos guias, dos antepassados e da própria força da natureza, que compõe os seres, seus agenciamentos e intervenções.

Ancoradas em discussões como as de Leda Maria Martins (2021), que evocam oralituras e temporalidades outras para falar da densidade, das texturas e das criações múltiplas das práticas diaspóricas/afro-indígenas e suas performances e feitura, nosso objetivo nesse ensaio foi trazer imagens que foram roteirizadas e executadas pela equipe a partir da perspectiva e da poética dessas formas de fazer ancestrais, que se sustentam na oralidade, nas relações espirituais perpetuadas e no poder das plantas cultivadas nos quintais de casa. E que são também regimes de conhecimento, linguagens e formas de relação vivenciadas por aqueles e aquelas que têm a autoria das histórias registradas pela nossa plataforma.

As imagens apresentadas e as histórias pessoais foram os conteúdos base para a criação de dois projetos literários de contos, o livro “A cidade das Curas” produzido em 2020 e o livro “Pequeno Inventário de Curas de Quintal” produzido em 2021. Ambos os materiais transformaram experiências de cura vividas no território sul-mineiro em narrativas ilustradas, que foram criadas e circularam pela região a partir de editais públicos de incentivo (Lei Aldir Blanc e Lei Emergencial da Cultura Popular¹) no período da pandemia de Covid-19.

As fotografias escolhidas foram produzidas na cidade de Poços de Caldas nos quintais das casas dos cocriadores e cocriadoras do Projeto. As fotografias de 1 a 6 foram feitas a partir das narrativas de Seu José Soares Nogueira, aposentado que nasceu na cidade de Cruzília, também no Sul de Minas e que atualmente vive em Poços de Caldas. As espécies botânicas escolhidas para composição das cenas, a combinação dos gestos e a direção de fotografia (todas feita com um celular modelo Galaxy S20 FE com ajuste de luz do próprio dispositivo) tomam como norte as memórias de Seu José em relação ao

¹ Lei Aldir Blanc: Lei Federal nº14.017/2020 de Fomento à Cultura, baseada na parceria da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios com a sociedade civil no setor da cultura, bem como no respeito à diversidade. A Lei de Emergência Cultural é a unificação dos Projetos de Lei que propõem medidas de apoio emergencial para o setor cultural no Brasil.

passado e os momentos em que atuou como *cambono*² em um terreiro na cidade em que nasceu. Nesse período, ele aprofundou sua relação com as plantas na gestão da saúde e nas práticas de cuidado. Dessa maneira, Seu José Nogueira compõe a equipe e também as fotografias que referenciam suas memórias. As fotografias constituem especificamente o acervo do projeto literário Pequeno Inventário de Curas de Quintal. Destacamos os usos do alecrim, que se associam à alegria e superação das angústias, e do abre-caminhos para superação das adversidades e novos rumos de vida.

As fotografias de 7 a 12 foram feitas pela equipe, envolvendo as mulheres moradoras da cidade de Poços de Caldas já citadas e que utilizam as plantas em seus cotidianos de práticas espirituais através dos banhos, chás, benzimentos, orações e feituas de proteção. As espécies botânicas escolhidas (manjeriço, arruda, alevante, alecrim, espada de São Jorge e boldo) que compõem as cenas, assim como os artefatos e a combinação de gestos, elucidam conhecimentos, conexões e vínculos passados de geração em geração, ancoradas na condição de continuidade da vida e reprodução.

As cocriadoras fazem parte da equipe e também das fotografias, nas quais a imposição de mãos faz referência à sabedoria, ao cuidado, ao uso de amuletos, à coletividade, firmeza, aos fundamentos das mais velhas e à ação das plantas. As fotografias foram base para execução do projeto literário “A cidade das Curas”, mas nunca compuseram ensaios visuais acadêmicos. Foram realizadas por Flávia Pereira, Gabriela Pereira, Ana Maria, Lúcia Breves, Lucilia Breves e Fernanda Gonçalves. As fotografias foram executadas na casa de Ana Maria, que é Mãe Ana de Iansã, sacerdotisa no Terreiro de Umbanda Caboclo Pedra Branca, que é seu *guia de cabeça*³ e o dono da terra onde está assentado o terreiro.

Os registros abordam também a relação entre a botânica e a etnologia, ciência denominada etnobotânica, que analisa as interações dinâmicas entre sociedades e plantas, e que envolve as especialidades de alguns membros da equipe de trabalho do Projeto Curas. Dada a importância do conhecimento da flora da região sul-mineira, associada ao cotidiano da população e seus usos específicos, o projeto destaca a importância da valorização das histórias e experiências humanas em suas relações com outras espécies e

² Cambono é um cargo assumido nos Terreiros de Umbanda e Centros, onde a pessoa atua durante as giras e atendimentos como ajudante do Pai ou Mãe de Santo quando estão incorporados, auxiliando nas várias atividades e finalidades rituais.

³ Orixá ou Entidade de frente, guia responsável por conduzir a caminhada espiritual do ser em sua vida atual e ajudá-lo a superar dificuldades.

modos de existência, articulando compreensões singulares acerca da saúde, do território, do corpo e da manutenção da vida em articulação multiespécie.

A maneira como o ensaio fotográfico foi pensado, concebido e produzido busca enfatizar novas dimensões do que é o “trabalho de campo” e o que podem ser os processos investigativos efetivamente compartilhados, buscando assim novos formatos cocriados e alternativas para além das relações observador-interlocutor. Nesse sentido, nossas imagens e nossas formas de fazer dialogam na prática com as provocações ativadas nos trabalhos de Ana Clara Damásio (2021) e com as reflexões de Diana Taylor (2013) sobre as performances coloniais que compõem a Antropologia e as formas ocidentais das pesquisas acadêmicas. Nosso ensaio é também um convite político ao experimento de investigações produzidas comunitariamente a partir das redes de troca e afetividade estabelecidas durante práticas de cura e atendimento. Também é um diálogo com as políticas públicas da cultura que deram viabilidade as nossas criações, nos fazendo refletir e construir acessos aos fomentos institucionais públicos por coletivos e agentes culturais locais. E mais do que isso, propiciaram um encontro das ferramentas da linguagem acadêmica em parceria com os conhecimentos tradicionais para escrita e execução de projetos culturais patrocinados. Nessa direção, falamos e expomos trabalhos de campo e modos de pesquisar (registros e construção de acervos próprios), feitos em comunidade e para a comunidade, com uma extensão artística, histórica, etnográfica e política ampliada e ao mesmo tempo localizada.

Nosso intuito é registrar memórias presentificadas a partir de uma rede afetiva que estabelece entre si intimidade e compartilhamento do cotidiano. Compreendemos o impacto desses registros diante das versões institucionais acerca do que é esse nosso território e de que maneira o resultado das nossas produções levantam e fazem circular outras perspectivas, memórias, passados, modos de vida, posicionamentos e relações com o sagrado e com a natureza, resgatando e acionando referenciais, presenças espirituais e temporalidades, ofertando aos formatos acadêmicos novas possibilidades de criação, sustentação e de investigação.



1. Abre-caminho nas mãos de Seu Zé Nogueira em Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (09/2021).



2. Cuietê nas mãos de Seu Zé Nogueira em Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (09/2021).



3. Terra e Abre-caminho nas mãos de Seu Zé Nogueira em Poços de Caldas,
Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (09/2021).

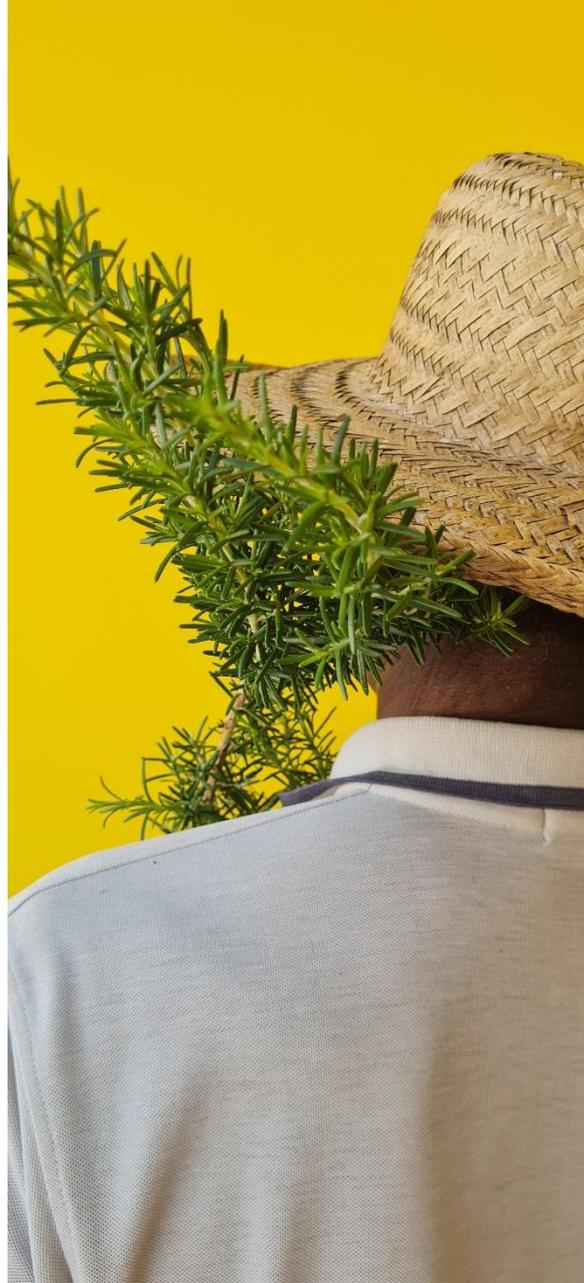


4. Alecrim colhido em mãos na cidade de Poços de Caldas, Minas Gerais.
Foto: Acervo do Projeto Curas (09/2021).



5. Seu Zé Nogueira carregando alecrim em Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (09/2021).



6. Banho para alegrar, Poços de Caldas, Minas Gerais.
Foto: Acervo do Projeto Curas (09/2021).



7. Proteções, Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (10/2021).



8. O café da Preta Velha, Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (10/2021).



9. Ervas para banho, para chá e para cura, Poços de Caldas, Minas Gerais.
Foto: Acervo do Projeto Curas (10/2021).



10. São Benedito protetor com seu café passado, Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (10/2021).



11. Mãos que cuidam na cidade das Curas, Poços de Caldas, Minas Gerais.
Foto: Acervo do Projeto Curas (10/2021).



12. Gerações e continuidade, escultura feita a mão por Flávia Nogueira Pereira em Poços de Caldas, Minas Gerais.

Foto: Acervo do Projeto Curas (10/2021).

Referências

DAMÁSIO, Ana Clara. Como pode o “Outro” narrar? Considerações sobre viver, fazer e escrever na Antropologia. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 72–99, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/38013>. Acesso em: 2 mai. 2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *A saliva da fala*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

SOUZA, Marina de Mello e. *Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural*. *Afro-Ásia*, n. 28, p. 125–146, 2002.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

TAYLOR, Diana. Roteiros do descobrimento: reflexões sobre a performance e a etnografia. In: TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 91–123.

Agradecimentos

A toda Equipe Curas, a CAPES, ao PPGAS/UFSCAR e ao PPGCA/UNIFAL.

Financiamento

CAPES (bolsa de Mestrado e Doutorado).

Recebido em 30 de novembro de 2022.

Aceito em 12 de abril de 2023.